

LETRAMENTO DIGITAL: O QUE AS ESCOLAS (NÃO) ESTÃO FAZENDO PARA (RE)ESCREVER A HISTÓRIA

Claudia Almeida Rodrigues MURTA

Colégio Atenas

claudia.murta@bol.com.br

Flávio MARTINS

Prefeitura de Contagem

technomatics@gmail.com

Márcia Luiza ABREU

Escola do Futuro

marcialuiza21@yahoo.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo relatar uma pesquisa de campo realizada em escolas de ensino básico, particulares e pública, acerca das ações empreendidas em prol do letramento digital. Mesmo apresentando realidades diferentes os resultados são semelhantes, as escolas percebem a importância do letramento digital para a formação do aluno, mas ainda não viabiliza na prática condições materiais e humanas para o uso efetivo do computador e das novas tecnologias de comunicação na sala de aula.

Palavras-chave: Letramento digital; realidade escolar; tecnologias digitais

1. INTRODUÇÃO

O momento histórico em que nos encontramos no qual o uso das tecnologias digitais e dos sistemas de informação permeiam as relações sociais, o letramento digital é premissa para inserção do cidadão nas práticas sociais. As grandes inovações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas resultaram na inclusão dos computadores nas escolas modificando o cenário escolar, trazendo desafios para os professores que se veem diante de novas situações pedagógicas geradas pelo acesso à informação, à participação ativa do aluno no processo de ensino e aprendizagem. Nesse novo cenário que se descortina, o papel do professor, mais uma vez, se mostra fundamental para estimular nos alunos a busca pelo letramento digital, orientando-os a utilizar o computador e, conseqüentemente, a internet, de maneira segura, crítica e autônoma, dentro ou fora da escola. Para isso, é preciso que o próprio professor seja digitalmente letrado, o que demanda um processo de formação continuada. A escola como a instituição social responsável pela instrução formal dos indivíduos, especialmente pelo ensino da linguagem escrita, e, conseqüentemente, do letramento de seus alunos, também deve se responsabilizar pela formação digital de seus educandos, preparando-os para a interação com a cultura digital.

Diante de tal contextualização, nos indagamos: como está ocorrendo o processo de inserção das novas tecnologias nas escolas? Os professores estão sendo capacitados para trabalhar com as TICs (tecnologias da informação e comunicação) em sua prática pedagógica? De que forma os professores usam os computadores em sala de aula? Essas perguntas nortearão a discussão que pretendemos empreender neste trabalho.

O presente estudo é fruto de uma proposta de trabalho final da disciplina Letramento digital, ministrada pela professora Carla Coscarelli, no curso de ELMC (Ensino de Língua Mediado por Computador) da FALE – UFMG no ano de 2010, que previa o desenvolvimento

de uma pesquisa de campo no mesmo ano nas escolas nas quais trabalhamos, para verificar como essas escolas estão contribuindo para o letramento digital de seus alunos, que grau de letramento digital exigem de seus professores e o suporte que lhes dão para sua formação. O objetivo desta pesquisa é verificar as ações efetivas da escola em prol do letramento digital de seus alunos e os programas de formação continuada e condições de trabalho que propiciam a seus docentes para que estes estejam habilitados a inserirem o computador e as novas tecnologias digitais em suas aulas.

Confrontamos os dados coletados com as discussões empreendidas no meio educacional acerca da inserção das TICs no universo escolar e a necessidade de a escola promover o letramento digital, como os trabalhos de Araújo (2008), Xavier (s.d.), Coscarelli (2002), Marcuschi (2001), entre outros. Primeiramente, apresentamos uma breve revisão teórica acerca do Letramento digital. Em seguida, definimos a metodologia da pesquisa, posteriormente a análise dos dados e por último a conclusão a que chegamos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A busca pelo conhecimento sempre esteve presente na história da humanidade, desde as primitivas sociedades que buscavam conhecer técnicas básicas de sobrevivência até as mais complexas polis gregas, bem organizadas social e politicamente, onde o pensamento florescia e o conhecimento era a aspiração de todos. Grandes revoluções acompanharam a trajetória do homem provocando grandes mudanças sociais e culturais que, conseqüentemente, levaram ao surgimento de novos gêneros do discurso. A revolução da comunicação trouxe as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a cultura digital propiciou o surgimento de novos gêneros textuais ou a evolução de gêneros antes restritos a determinadas esferas. A tela do computador passou a ser o ambiente principal por onde navegam as informações materializadas através do hipertexto - um texto construído eletronicamente, que é capaz, entre outras propriedades, de múltiplas possibilidades do ciberespaço permitir ao cidadão se tornar agente ativo de diversas ações sociais, ajudando, assim, a descentralizar a informação. A educação no ciberespaço confere ferramentas ao professor para que se torne um incentivador da “inteligência coletiva” e não apenas um fornecedor direto de conhecimento. Com o advento da internet, novas formas de compilação do saber foram apresentadas e, muitas vezes, o aluno tem acesso a elas antes do professor. Novas práticas sociais envolvendo a escrita foram criadas, com um crescente aparato de ferramentas tecnológicas que demandam do indivíduo o conhecimento de comportamentos e raciocínios específicos, ou seja, letramentos diferenciados dos requeridos pelas práticas escritas no papel. Em face desses novos artefatos de mediação da informação e da comunicação, as diversas mídias e, principalmente, o acesso à internet delinea-se o letramento digital.

De acordo com Araújo (2008) a inclusão digital é um dos processos que antecede o letramento digital, pois mesmo vivendo em uma sociedade democrática, temos consciência de que as oportunidades não são iguais para todos os cidadãos. Um primeiro passo que a escola pode dar é tornar de fato as TICs acessíveis à sociedade, propiciando o acesso a elas por toda comunidade escolar. A escola como espaço de interação do conhecimento sistematizado tem o encargo de favorecer aos aprendizes muito mais que o domínio das letras e dos conteúdos, pautando-se em encaminhar o sujeito para a busca de alternativas na resolução de problemas contextuais, despontando uma visão crítica e participativa destes, fluindo sempre para a produção do conhecimento.

Os saberes inerentes à prática do letramento digital vão além do manuseio do computador, nas palavras de Almeida (2005 *apud* ARAÚJO, 2008). A fluência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social, e não como simplesmente aprendizagem de um código ou tecnologia; implica a atribuição de significados a informações

provenientes de textos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano, bem como localizar, selecionar e avaliar criticamente a informação, dominando as regras que regem a prática social da comunicação e empregando-as na leitura do mundo, na escrita da palavra usada na produção e representação de conhecimentos.

No entanto, há a necessidade de se entender como funcionam os sistemas operacionais e os “protocolos” de navegação, ser alfabetizado digitalmente, e ainda dominar os gêneros nos quais se configuram as informações no universo digital e virtual e as situações sociais de uso dos textos, os eventos de letramento. Freitas (2008, p.12) coloca que

o computador e internet abrem novas possibilidades de aprendizagem por permitirem o acesso a uma infinidade de informações, pelas formas de pensamento que são por eles potencializadas, pelas interações possibilitadas e pela interatividade que proporcionam. Portanto eles possibilitam a construção compartilhada de conhecimento via interatividade, de que fala a teoria histórico-cultural. Estimulam novas formas de pensamento no enfrentamento com as hipertextualidades neles presente pela interrelação de diversos gêneros textuais expressados por diversas linguagens (sons, imagens estáticas e dinâmicas, textos em geral). A plasticidade interativa própria das tecnologias digitais trazidas pelo computador e internet permite, ainda, a construção de diversos percursos de aprendizagem através da atividade do sujeito que interage com o outro e com o objeto do conhecimento.

O Letramento digital, segundo Xavier (s.d.), luta contra a idéia de ensino/aprendizagem como preenchimento das mentes vazias do aluno, contra a educação bancária de que tanto falava Paulo Freire. Segundo esse educador, muitas escolas ainda veem o aluno como um depósito de informações a ser preenchido, uma espécie de banco de dados a ser alimentado por um “mestre-provedor” de conhecimento.

A aprendizagem dessa habilidade ou condição, a de letrado digital, é mais uma das tarefas da escola. No entanto, o sistema educacional para isso terá que sofrer grandes transformações nas suas tradicionais metodologias de ensino, pois a cultura digital pressupõe uma nova forma de aprendizagem que se caracteriza por ser mais dinâmica, participativa, descentralizada (da figura do professor) e pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários freqüentes das tecnologias de comunicação digital e que ultrapassam os limites da sala de aula (XAVIER, s.d.). Ainda segundo o autor, o professor também tem que mudar seu perfil e sua prática pedagógica. O mestre agora precisa ser pesquisador, não mais repetidor de informação; articulador do saber, não mais fornecedor do conhecimento; gestor de aprendizagens, não mais instrutor de regras; consultor que sugere não mais chefe autoritário que manda; motivador da “aprendizagem pela descoberta”, não mais avaliador de informações mais empacotadas a serem assimiladas e reproduzidas pelo aluno. Segundo as palavras de Coscarelli (2005, p.27), “o computador não vai mudar, por si só, a concepção de aprendizagem das escolas”, são os agentes do processo educativo que farão isto, professores, diretores, alunos, pais. A escola deve estar aberta para a nova modalidade de aprendizagem que pode ser mais democrática e responsável pelo desenvolvimento da cidadania à medida que mais artefatos culturais são disponibilizados e veiculados na internet. Embora saibamos que o letramento esteja condicionado a questões de ordem socioeconômicas desiguais, a ampliação do acesso por meio de políticas públicas como criação de telecentros, informatização das escolas, promoção da capacitação digital dos professores pode minimizar o fosso que separa letrados e iletrados de toda ordem e mitigar as desigualdades sociais de nosso país promovendo a inclusão por meio de uma educação para a era do conhecimento.

3. METODOLOGIA

A pesquisa em ciências humanas tem alcançado grandes avanços graças aos novos paradigmas metodológicos de pesquisa, dentre os quais a pesquisa qualitativa. Esta tem contribuído para a compreensão e interpretação dos dados de forma mais abrangente. A pesquisadora Lüdke (2001, p.13) ressalta alguns critérios apontados por Bogdan e Biklen como caracterizadores da pesquisa qualitativa, que “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” Nesse sentido, para uma análise mais próxima da realidade a observação direta e a entrevista com os sujeitos do contexto pesquisado fez-se necessária. A metodologia de investigação foi a pesquisa bibliográfica que fundamentou teoricamente o estudo e a pesquisa de campo, cujos instrumentos de coleta de dados foram a entrevista semi-estruturada e a observação direta. Os objetos de investigação desse estudo foram as escolas nas quais lecionamos, a saber: uma escola de ensino fundamental, médio e profissionalizante pertencente à rede particular de ensino do interior de Minas – **Escola Particular 1**; uma escola pública de ensino fundamental, 1º e 2º ciclos, localizada em uma favela de Contagem – **Escola Pública**; uma escola particular, de educação infantil e ensino fundamental I em Governador Valadares – MG – **Escola Particular 2**. Foi ainda feita uma entrevista com o Secretário de Educação do Município onde está localizada a **Escola Particular 1**, para que se pudesse ter uma visão mais abrangente do que o poder público tem feito em prol do letramento digital de sua clientela e servidores. A entrevista encontra-se disponível para audição no endereço www.literaturanaweb.blogspot.com, as demais foram apenas analisadas e não transcritas. Esse procedimento de coleta de dados com dirigentes escolares, professores e alunos acerca da inclusão das tecnologias digitais em sala de aula e, conseqüentemente, com a promoção do letramento digital dos educandos visa conhecer o que as escolas, pública e privada, têm feito para compor essa história: o letramento digital urgente das gerações que adentram suas portas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Procuramos analisar os dados considerando a realidade sócio-histórica, o nível sócioeconômico e cultural dos envolvidos e demais variáveis que possam ter influenciado na composição do contexto.

4.1 Escola Particular 1

A primeira escola objeto de investigação descrita pertence à rede particular de ensino, os alunos que a frequentam possuem um nível socioeconômico privilegiado. É uma escola localizada no centro da cidade, que tem cerca de 820 alunos nos níveis fundamental, médio e profissionalizante. Ela é conveniada à uma grande rede de ensino da capital e, portanto, utiliza metodologia e suportes de ensino dessa rede, que inclui um portal educacional na internet. De acordo com a entrevista concedida pelo gestor da escola, ela foi informatizada na década de 90, quando foi criado um laboratório de informática com 25 máquinas, contratado um profissional da informática para ministrar aulas de iniciação ao uso do computador para os alunos do ensino fundamental e esses alunos tinham uma aula por semana. Por volta de 2001 foi implantada a internet na escola, disponibilizada no laboratório de informática, secretaria, na sala dos professores e na sala de multimídia, que ainda dispõe de *data show* e aparelhagem de som. Vale ressaltar que toda a parte burocrática do trabalho de secretaria e docente foram informatizados, os diários são preenchidos eletronicamente e online.

O diretor salientou que com o passar do tempo, com o desenvolvimento tecnológico e a popularização dos computadores, a grande maioria dos alunos possui computador em casa,

os sistemas operacionais e as aulas de informática da escola não mais atendiam às necessidades e expectativas dos alunos. O laboratório de informática a partir de então passou a ficar disponível para o uso de qualquer professor e alunos em horário de aula e fora desse horário para consultas, pesquisas ou qualquer outra atividade necessária, mas as aulas regulares de informática foram suprimidas. O diretor ressaltou que a princípio, na década de 90, as aulas de informática eram um diferencial da escola, mas que atualmente não há essa focalização. Entretanto, ele menciona seu conhecimento quanto à necessidade de se inserir as tecnologias digitais na sala de aula e de aproveitar o potencial do laboratório de informática para promover o letramento digital dos alunos, para que os professores pudessem utilizar mais o computador em suas aulas. Contudo, em observações feitas da realidade descrita, para que se implemente algum projeto de letramento digital na escola é necessário que haja uma modernização das máquinas e sistemas operacionais, já que os existentes não estão em pleno funcionamento e estão obsoletos em relação à tecnologia disponível na atualidade. O diretor quando questionado sobre esse aspecto mencionou que é um projeto da escola no segundo semestre do ano de 2010 seria começar a renovar os computadores e retomar as aulas no laboratório de informática. Quando inquirido sobre as ações que a escola promove para a formação digital dos professores, o diretor disse que nem a escola, nem a rede a qual são conveniados promovem cursos de capacitação de professores, que o letramento digital também não é um requisito de contratação na escola e que fica a cargo do professor buscar aperfeiçoamento nessa área. Entretanto, em pesquisa realizada no portal da rede de ensino encontramos um programa de informática educacional, para utilizá-lo basta a escola conveniada aderir ao programa, o que certamente gerará um custo. Consultando o programa verificamos que esse possui softwares educacionais, atividades de apoio, projetos na internet, gincanas virtuais, material de apoio ao professor, mas esse programa não se constitui em um curso de formação continuada, o professor para utilizar o programa deve ter pelo menos níveis básicos de letramento digital, ou seja, conhecer não só a operacionalização dos softwares computacionais mais usuais, mas as novas tecnologias de mediação e comunicação comumente usadas atualmente.

Os professores entrevistados relataram que utilizam pouco o computador em suas aulas como atividade interativa, a principal ferramenta que usam são editores de texto, aulas em *PowerPoint*, planilhas do *Excel* para notas, além de vídeos educativos. Todos foram unânimes em afirmar que buscam aprender por conta própria, que se preocupam em se atualizar em relação às tecnologias digitais e que utilizam a internet como fonte de pesquisa e atualização. A grande maioria não conhece os recursos da web 2.0, como por exemplo, as plataformas de escrita colaborativa, como *Wikis* e *Googledocs*. Mas reconhecem que precisam inserir as tecnologias nas salas de aula. Constataram a falta de apoio institucional e de programas de formação continuada promovidos pelas escolas.

Os alunos entrevistados são do ensino médio e disseram que tiveram aulas de informática no ensino fundamental e que o que sabem sobre computadores e internet aprenderam sozinhos "fuçando", nas palavras deles, nas máquinas. Relataram que os professores não utilizam muitas tecnologias digitais em suas aulas, o recurso mais explorado é o *DataShow* com aulas expositivas em *PowerPoint* e vídeos. Jogos ou outros softwares são pouco explorados. Os alunos ainda afirmaram que antes da implantação do projeto *Literatura na web* (projeto pedagógico desenvolvido por uma das autoras desse artigo, que visa a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação nas aulas de Literatura) desconheciam algumas ferramentas e plataformas, como *Wikis* e *Podcast*, por exemplo, e que nunca tinham participado de fóruns de discussão em ambiente escolar. Os alunos também disseram se preocupar em estar atualizados quanto às tecnologias da informação e comunicação e que gostariam que a escola pudesse contribuir para esse conhecimento. A totalidade dos alunos entrevistados disse possuir computador em casa, telefone celular, mp3,

vídeo games. Portanto, são alunos que têm acesso à tecnologia digital e que fazem uso destas em seus cotidianos.

Outro agente social entrevistado foi um Secretário de Educação da cidade onde está sediada a **Escola Particular 1**, que relatou o que o poder público tem feito em relação à promoção do letramento digital sob sua gestão. Como observado na metodologia de pesquisa a entrevista encontra-se na íntegra disponível no blog www.literaturanaweb.blogspot.com. De seu relato podemos concluir que o estado tem implementado políticas e investimentos em educação digital, que a secretaria não está alheia à importância da inclusão digital e da promoção do letramento digital pela escola, mas é moroso o trabalho dado o número de envolvidos, aos sistemas burocráticos que emperram as ações, ao repasse de verbas, etc.

4.2 Escola Particular 2

Outra instituição objeto dessa pesquisa é uma escola particular com apenas 4 anos de atividades que atende atualmente cerca de 60 crianças com idades entre 2 e 8 anos. A escola está situada no centro da cidade e os alunos em sua grande maioria, cerca de 70%, são filhos de profissionais liberais (médicos, advogados, comerciantes), portanto, com nível socioeconômico privilegiado. A escola oferece ensino bilíngue (português/inglês) em tempo integral. Com o lema "Transformando o mundo, uma criança por vez" a referida escola se apresenta como uma instituição comprometida com a formação social, cognitiva e afetiva do aluno, oferecendo, segundo sua direção, um ensino fundamentado em 3 princípios: Bilinguismo, Enfoque Tridimensional (ensino individualizado, Interação e Afetividade) e Traços de Caráter. Como os alunos ainda são muito jovens para participar da pesquisa, a entrevista se resumiu à direção da escola.

Segundo sua diretora, a escola tem como alvo a formação integral dos estudantes, enxergando os alunos como diamantes e a escola e os profissionais responsáveis pela educação, como artesãos, lapidadores. Essas palavras revelam um posicionamento idealista por parte da direção da escola, preferimos não entrar nessa questão, pois não é foco desta pesquisa. Perguntada sobre os benefícios que a cultura digital poderia proporcionar ao aluno em fase de alfabetização a diretora se mostrou favorável à introdução da informática desde os primeiros anos da infância. Acredita ainda que oportunizar a alfabetização bilíngue com o uso do computador seria benéfico para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Os alunos nessa escola começam a ter contato com o computador a partir dos 4 anos com atividades lúdicas. Primeiramente, através de brincadeiras, as crianças manuseiam partes de computadores, como teclado e mouse. O objetivo é que conheçam a máquina e seus componentes e aprendam os cuidados que devem ter ao manusear o computador mais tarde. A escola não conta com um laboratório de informática, devido a falta de demanda, segundo a direção, mas o modelo estrutural que a escola segue, com salas de aulas chamadas *learning centers*, equipadas com *offices* individuais, prevê que esses *learning centers* abriguem um computador em cada *office*. A direção relata que esse centros ainda não são realidade na escola, mas já têm pelo menos um computador, com acesso à internet, em cada sala de aula do ensino fundamental, para uso das crianças.

O acesso ao computador e à internet é irrestrito e deve ser monitorado pela professora. Os alunos do ensino fundamental são estimulados a, diante de qualquer dúvida, procurar a resposta nos sites de busca. Alguns projetos de escrita e construção coletiva de histórias também são realizados no computador já a partir do primeiro ano.

Embora a escola esteja pronta a estimular o letramento digital dos alunos, a grande maioria dos professores da instituição ainda se considera longe do grau de letramento necessário para mediar a aprendizagem das crianças no terreno da tecnologia, visto que ainda não receberam treinamento, formação especializada e aparelhamento suficientes para implementar uma metodologia voltada para o letramento digital.

4.3 Escola Pública

A escola municipal da rede pública da cidade de Contagem/MG fica em uma comunidade de risco social intenso e onde o acesso da população ao serviço público se resume à escola, ao posto de saúde e a uma creche. A escola analisada oferece o ensino fundamental no 1º e 2º ciclos e tem em torno de 500 alunos matriculados. São 28 professores com faixa etária entre 23 e 62 anos e 8 desses professores têm curso de especialização em áreas diversas. A escola possui apenas 10 salas de aula e o pátio é a área onde as crianças praticam educação física e todas as atividades externas à sala de aula.

Desde 2005 um professor da escola tenta, com a ajuda da direção e da pedagoga, implantar um programa de alfabetização e letramento digital aos professores e aos alunos. A princípio, não havia computadores nem espaço disponível para tal fim. Em fins de 2006, a escola recebeu um lote de computadores usados dos Correios, mas que apresentavam tantos problemas que o projeto acabou sendo abandonado. Em 2007, a escola recebeu alguns computadores do Lyons Clube e foi montado um espaço de acesso à informática na sala de materiais de limpeza da escola. A prefeitura disponibilizou o acesso à internet através de conexão discada, que a maior parte do tempo não funcionava. O professor acima descrito elaborou um curso de inclusão digital para os alunos e professores, porém os professores se esquivaram de participar, em grande parte, alegando serem velhos e por estarem próximos de aposentar. Ainda no ano de 2007 o mesmo professor se manifestou a fim de apresentar um curso de letramento digital onde os interessados aprenderiam a utilizar o editor de textos (a escola ainda utiliza mimeógrafo), o videocassete, o DVD e o aparelho de som. Novamente a procura foi mínima e o projeto não progrediu. Em 2009, a prefeitura de Contagem entregou à escola 12 computadores supostamente preparados para o acesso à internet e para oferecer cursos aos alunos e a toda comunidade escolar. Em 2010, os computadores foram colocados numa sala minúscula, sem ventilação e ligados em rede. Todos os computadores vieram sem placa de som e com o sistema operacional Linux, assim como todos os programas de código livre. Alguns professores foram treinados para ministrar aulas de português e matemática utilizando programas especificamente desenhados para o Projeto *Linkletr@s*. Os professores sabem usar os programas, mas não sabem ligar o computador, então a prefeitura enviou uma estagiária para auxiliar os professores. A estagiária saiu antes do programa começar a funcionar por problemas de contrato com a prefeitura.

No ano de 2010, o professor que tentava implantar cursos de formação e inclusão digital na escola foi escolhido por uma editora para trabalhar imagens para que os alunos de uma turma de 2º ciclo criassem um livro em ambiente Linux, que foi posteriormente editado e publicado. No dia do lançamento do livro, a prefeitura levou os créditos por investir na informatização das escolas. A prefeitura de Contagem faz propaganda de que as escolas têm acesso à internet, que os pais podem acessar o boletim dos alunos online e que entregou computadores em todas as escolas. Nos 5 anos analisados para essa pesquisa verifica-se que nada disso acontece da forma como é publicada. A prefeitura colocou um sistema de controle e visualização de boletins online para que os professores lançassem os dados ao longo do ano. O sistema nunca está funcionando e o estresse é intenso para todos, ainda assim não há mudança de postura com relação ao assunto.

Em razão de todos os problemas relatados entende-se a recusa dos professores em se envolver com a informática já que o ambiente, os equipamentos e o tratamento dado ao assunto é apenas eleitoreiro e não significa de fato um investimento na educação dos alunos nem na formação dos professores.

5. CONCLUSÃO

De acordo com a psicologia histórico-social de Vygotsky (1934/1993), a principal função da linguagem é a de intercâmbio social: o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem para se comunicar com seus semelhantes, os processos psicológicos da formação do indivíduo levam em conta o contexto social e o contexto histórico em que as atividades de linguagem ocorrem. Nessa visão, o papel da escola consiste em promover principalmente a imersão cultural dos sujeitos nas práticas das sociedades. Assim, se na sociedade atual, não basta apenas saber ler e escrever, mas saber utilizar a linguagem informática nos diferentes campos da sociedade, é primordial que a escola, pensando na linguagem como uma totalidade, não se abstenha das questões que envolvem o conhecimento da linguagem tecnológica ou digital.

Embora a pesquisa tenha sido feita em escolas com perfis completamente diferentes percebe-se que os resultados encontrados são de certa forma comuns. Escolas e governo reconhecem a importância do letramento digital no contexto moderno, mas pouco ainda se faz para alcançar o objetivo. Os dados coletados nos permitem listar os problemas mais comuns, a saber:

- 1- nas áreas onde as pessoas têm mais dificuldade as aulas regulares de informática foram suprimidas;
- 2- quando há equipamentos disponíveis esses são obsoletos em relação à tecnologia disponível na atualidade;
- 3- de uma maneira geral a grande maioria dos professores nem mesmo conhece o básico;
- 4- as secretarias de educação do país não promovem cursos de capacitação numa total evidência da falta de apoio institucional e de programas de formação continuada.

Percebemos também que as tecnologias permeiam o cotidiano dos alunos que afirmaram fazer uso do computador e da internet para lazer e entretenimento, mas a maioria deles desconhecia o uso educacional desses recursos.

Em um mundo onde as relações entre as pessoas estão sendo repensadas sob o viés da tecnologia digital, milhares de pessoas estão sendo excluídas dessa nova configuração por conta de investimentos equivocados e uma relação de interesses escusos e burocráticos de nossos governantes. As licenciaturas não contemplam essa necessidade e se prendem a dogmas e preceitos formando professores pouco capazes de fazer algo para mudar essa realidade. Um novo mundo demanda professores capacitados e hábeis no manejo das novas tecnologias, com conhecimento e autonomia para agirem em prol de um novo modelo de educação.

É necessário que aja uma reflexão tridimensional – pessoal, institucional e governamental, envolvendo professores, escolas e governos, a fim de promover meios de inserção social digital através do desenvolvimento de políticas de apoio ao letramento digital da sociedade. A inclusão digital, por meio de políticas e privadas não devem visar basicamente os alunos, porque em muitos momentos quem precisa ser alfabetizado digitalmente são os próprios professores.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. S. Letramento digital: conceitos e pré-conceitos . In: **2º Simpósio de**

Hipertexto e tecnologias na educação: modalidade e ensino. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008)

COSCARELLI, C. V. (Org.) [Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar](#). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREITAS, M. T de A. **Janela sobre a utopia:** computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico-cultural. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5857--Int.pdf>.

Acesso em: 10/06/10.

LÜDKE, M. O professor, seu saber e sua pesquisa. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: CEDES, n. 74, abr. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Linguagem e Ensino** , vol. 4, nº 1, 2001, p. 79-111.

XAVIER, A . C. dos S. **Letramento digital e ensino**. Disponível em:

<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em:

10/06/10.

XAVIER, A.C.;SANTOS, C.F. O texto eletrônico e os gênero do discurso. In: **Veredas-**Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 4, n. 1 p. 51 a 57, s.d.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.